

ATORCIDA delirou quando Ha-keem Olajuwon, o pivô de 2,10 metros de altura do Houston Rockets, recebeu o passe. O placar mostrava empate quando faltavam poucos minutos para o final do último jogo das semifinais da NBA de 1985, entre os Rockets e o Utah Jazz.

Ele girou em direção à cesta, mas esbarrou no pivô do time adversário, Billy Paultz, que caiu teatralmente na quadra. Olajuwon esperava que fosse marcada a falta de Paultz, mas o juiz apontou para ele.

Uma falta ofensiva! Irado, suspei-tou que Paultz fora instruído para pro-vocá-lo. Novato musculoso, de 120 quilos, Olajuwon era conhecido por seu temperamento explosivo.

Quando Paultz se aproximou outra vez, o pivô do Rockets o atingiu no rosto. Nenhum dos juízes viu o golpe, mas Paultz e os companheiros de equi-pe ficaram furiosos. Tiveram desem-penho melhor que os Rockets durante todo o resto do jogo e venceram a par-tida por 104 a 97.

Depois do jogo, no silêncio do ves-tiário, Olajuwon sentou-se, abatido. Havia feito uma viagem tão longa pa-rra chegar à NBA – literalmente uma odisséia de 16 mil quilômetros –, mas



A jornada de um campeão

MICHAEL BOWKER

Para o astro do basquetebol Hakeem Olajuwon, o verdadeiro sucesso significava redescobrir as lições da infância

uma outra jornada seria ainda necessária antes de se tornar um verdadeiro campeão. E essa jornada o levaria de volta à infância.

Brigas implacáveis. Hakeem Olajuwon nasceu e foi criado em Lagos, Nigéria, movimentado porto da África oriental onde carros barulhentos disputam lugar nas ruas com rebanhos. Seus pais, Salam e Abike, administravam um pequeno comércio de cimento. A paixão do jovem Hakeem pelo futebol às vezes o fazia negligenciar os estudos. Abike o advertia: “Fazer os deveres de casa é mais importante do que jogar bola. A educação é a chave para seu futuro.”

Ainda mais do que a educação, Abike e Salam reverenciavam a fé islâmica e eram ambos seguidores dos princípios muçulmanos. “Deus não ama os agressores”, dizia Abike, citando o Alcorão, o livro sagrado do islamismo. Hakeem aprendeu que as pessoas deveriam viver em harmonia com as outras. O respeito e a compaixão são a base da fé islâmica.

Ele esperava ansiosamente pelas sextas-feiras, porque era o dia em que saía mais cedo da escola para ir à mesquita. No caminho de casa, ouvia *O Chamado*, oração semelhante a uma canção, usada a fim de convocar as pessoas para os cultos. Adorava o tom agudo daquele cântico e parava no meio do caminho para ouvi-lo. Perdido em meio àquela beleza lírica, ficava paralisado até ouvir os últimos sons do hino.

Olajuwon (vestido com tradicional vestimenta islâmica) procura alcançar equilíbrio entre a fé e o esporte

Aos dez anos de idade, Hakeem tinha quase 1,80m de altura – muito mais do que as outras crianças. Sempre se envolvia em brigas implacáveis quando era ridicularizado por sua estatura. Um dia, foi mandado da escola para casa por ter agredido um garoto que o provocara. *Estou preparado para isso*, pensou Hakeem, olhando para a expressão severa de seu pai. “Tenho que brigar, ou os outros garotos vão pensar que sou fraco”, explicou ele, mais tarde.

Seu pai, após ouvi-lo com atenção, ensinou: “A fraqueza é deles até você brigar. A partir daí, a fraqueza é sua. Um homem não pode conhecer a verdadeira força até aprender sobre a paciência e a humildade.” O garoto prometeu seguir o conselho do pai.

Talento rude. Em 1980, Olajuwon, então com 17 anos e 2,02 metros de altura, estava jogando *handebol* quando um homem o chamou. “Ei, grandão, venha comigo e vou lhe mostrar um jogo de gente grande.” Ele era técnico de basquetebol, esporte que Hakeem nunca praticara. Entretanto, em poucos meses, o adolescente grandalhão estreava na equipe nigeriana de basquetebol júnior.

Ele estava em seu quarto de hotel, depois de um jogo, quando recebeu um recado: Christopher Pond, um americano técnico da equipe de basquetebol da República Centro-Africana, desejava vê-lo. Impressionado pelo potencial de Olajuwon, Pond telefonou para vários técnicos amigos seus, e todos concordaram em dar ao jogador uma chance. Hakeem, que obteve o visto em menos de 24 horas,

ficou atônito; ele não conseguia acreditar que iria partir para a terra natal do basquetebol.

Algumas semanas mais tarde, em outubro de 1980, Hakeem chegou em casa com uma passagem aérea nas mãos. “Esta é uma oportunidade única na vida”, disse sua mãe, abraçando-o. “Mas sentiremos muito sua falta.”

O pai o abraçou. “Tenha cuidado, seja humilde e trabalhe com seriedade”, recomendou Salam. “Você representa sua família e seu país. As pessoas nos julgarão pelos seus atos.” Hakeem tristemente assentiu com a cabeça e caminhou em direção ao carro que o esperava.

Difícil adaptação. Das cinco escolas que Pond havia contatado, a que lhe dava mais otimismo era a Universidade de Houston. “Tenho certeza de que o técnico Lewis vai dar uma bolsa a você”, dissera a Olajuwon. Sisudo e duro, Guy Lewis pensava que já havia visto tudo na vida. Mas nem ele nem seus jogadores estavam prontos para a visão de Olajuwon vestido com um reluzente *dashiki*, sobretudo semelhante a uma capa, em seu primeiro dia de treino. Embora usasse roupas ocidentais na Nigéria, Olajuwon queria estabelecer sua identidade africana.

Hakeem cumprimentou cada um dos jogadores e, em seguida, baixou a cabeça em sinal de reverência, um gesto típico na Nigéria. Alguns dos jogadores americanos riram dele, mas Olajuwon manteve atitude respeitosa, como o pai lhe aconselhara.

Enquanto Hakeem se vestia para o treino, o gerente de equipamentos perguntou-lhe qual seu número de sapato.

Os tênis número 13 que usava – os maiores que conseguiu encontrar na Nigéria – eram muito pequenos para ele, mas pediu aquele tamanho mesmo. O polido nigeriano não queria solicitar algo que eles não tivessem. O gerente da equipe olhou ceticamente para os pés de Hakeem e trouxe outro par – tamanho 16. Quando calçou aqueles tênis, Olajuwon não conseguiu acreditar que eles lhe serviam com perfeição. Pela primeira vez, não teve que dobrar os dedos quando corria.

Desejo de sobressair. Por sugestão da comissão técnica do Houston, Olajuwon ficou na reserva por um ano, a fim de aprimorar seu jogo nas competições internas da universidade. Quando começou a integrar a equipe principal na temporada de 1981, logo descobriu que os treinos do técnico Lewis eram puxados. Pancadas com os cotovelos e encontrões de corpo-a-corpo eram comuns. Houve época em que Olajuwon tentou evitar o contato corporal. Porém, logo se adaptou ao estilo americano de jogar basquetebol. Disse para si mesmo: *Se esta é a maneira como os americanos jogam basquete, é assim que devo jogar.*

Na temporada seguinte, ele alcançou a equipe titular e tornou-se o principal jogador do país em lances livres. Os Cougars chegaram com facilidade à final dos jogos universitários, mas perderam para o time da Universidade da Carolina do Norte.

Fora da quadra, Olajuwon, ocasionalmente, lutava contra a saudade de casa. Fazia mais de dois anos desde que vira sua família e seus amigos da Nigéria. Desde sua chegada a Houston, no-

tuou que muitos americanos associavam, de forma equivocada, os muçulmanos tradicionais aos terroristas do Oriente Médio. Os verdadeiros seguidores da religião islâmica, ele sabia, abominavam a violência. Hakeem continuava sendo religioso, porém estava inseguro quanto à melhor maneira de seguir sua fé em seu novo país.

Mas tinha certeza de seu enorme desejo de sobressair. Durante a temporada de 1983-1984, Olajuwon liderou as estatísticas de rebotes, lances livres e cestas de três pontos, mas sua equipe foi outra vez derrotada nas finais.

Pouco tempo depois, Olajuwon decidiu abandonar o último ano na faculdade, pensando na seleção da NBA, a liga profissional. Após alguns anos no basquetebol americano, foi convocado antes de futuros astros, incluindo um jogador chamado Michael Jordan. Jogava pela equipe de “sua cidade”, os Houston Rockets.

Ainda uma pessoa educada fora das quadras, Olajuwon parecia cada vez mais competitivo em dia de jogo. Outras equipes descobriram que era fácil irritá-lo. O preço de seu temperamento explosivo exorbitante: acumulava faltas técnicas e foi até mesmo expulso de alguns jogos.

Às vezes, Hakeem mostrava uma atitude egoísta, tentando fazer sozinho todas as grandes jogadas. Sem trabalho de equipe, os Rockets não conseguiam desenvolver todo seu potencial.

Em uma entrevista após um jogo, Olajuwon atacou com violência vários companheiros de equipe. Durante mui-

tos dias depois da entrevista, jornalistas esportivos e fãs reagiram irritados com suas declarações. “Este é um país livre”, respondeu Rodney McCray, um dos alvos das críticas de Olajuwon, “mas nunca estive em uma equipe onde jogadores falassem mal de outros companheiros.”

Nova atitude. Em uma tarde do ano seguinte, após uma temporada melancólica, um homem aproximou-se de Olajuwon e perguntou:

– É verdade que você é muçulmano?

– Sim – respondeu Olajuwon. – Como você soube?

– Alguém me disse na mesquita – veio a resposta. – Você gostaria de freqüentar os cultos conosco?

Naquela sexta-feira, o homem o levou a um modesto prédio de Houston. Olajuwon havia passado por ali várias vezes, sem se dar conta de que aquele edifício era uma mesquita. Os dois homens deixaram seus sapatos sobre um tapete junto à porta da frente e entraram. Olajuwon começou a tremer quando ouviu *O*

Chamado, o maravilhoso cântico que o comovia quando era garoto.

Nos meses seguintes, foi à mesquita regularmente. Começou a orar cinco vezes por dia e a observar outros rituais islâmicos, como o jejum nos dias santos. Dedicando-se às lições do Islã, viu-se pensando: *Estes são princípios que eu deveria levar comigo para dentro da quadra de basquetebol.*

A temporada de 1990-1991 mal havia começado quando Olajuwon levou uma cotovelada do pivô do Chicago Bulls, Bill Cartwright. O golpe fraturou vários ossos ao redor do olho de Olajuwon, mantendo-o fora de ação por 25 jogos. De maneira surpreendente, os Rockets prosperaram mesmo sem sua estrela.

Enquanto se recuperava e se preparava para jogar outra vez, os membros da comissão técnica dos Rockets começaram a imaginar se o retorno de Hakeem prejudicaria o sucesso da equipe. Mas o auxiliar técnico Carroll Dawson notou certa mudança no jogador. Ele estava mais ávido por instruções. Durante os treinamentos, assombrou a todos ao lançar uma bola em passe perfeito para um companheiro.

O maior susto veio logo após um treino, pouco antes do retorno de Olajuwon à atividade normal.



“Jamais vi mudança tão grande num atleta”, disse o técnico dos Rockets. “Ele tornou-se um dos mais completos jogadores de basquetebol.”

“Vocês não precisam escalar-me”, disse ele à comissão técnica. “Não quero quebrar o ritmo da equipe.”

Esforço de equipe. Agora que Olajuwon era um novo homem dentro da quadra, os técnicos não tinham a menor intenção de deixar seu pivô no banco de reservas. As equipes adversárias não obtinham mais sucesso ao designar dois defensores para marcar Olajuwon. Toda vez que uma equipe tentava marcá-lo com dois ou três defensores, ele encontrava um companheiro livre para receber seu passe. Ao mesmo tempo, os adversários descobriram que não podiam irritá-lo. Quando os defensores tentavam empurrá-lo, esperando que Olajuwon fosse explodir, ele girava rapidamente ao redor deles e acertava mais um arremesso à cesta. Os inspirados Rockets, com a nova ética de equipe, venceram 13 jogos consecutivos, e só perderam nas semifinais da NBA para os Lakers.

Na temporada de 1993-1994, Olajuwon foi eleito o “jogador mais valioso” da liga. Antes da cerimônia de entrega do prêmio, surpreendeu os companheiros de equipe: “Se não fosse por vocês não ganharia esse título. Queria que recebessem o troféu comigo.” A multidão aplaudiu emocionada quando Olajuwon e seus companheiros ergueram o troféu. Com grande carga de emoção, os Rockets venceram o Utah, classificando-se para as finais com os New York Knicks.

Depois de seis partidas, cada time tinha três vitórias. Durante toda a sé-

rie de jogos, os Knicks insultaram Olajuwon com palavras grosseiras, tentando enervá-lo. Mas no último jogo – que valia o campeonato – ele respondeu com algumas de suas jogadas menos egoístas, quase sempre servindo os companheiros com passes magistrais. Os Rockets venceram por 90 a 84.

Enquanto os companheiros se cumprimentavam, Olajuwon ficou sozinho próximo à linha lateral, acariciando a bola. Ele estava embevecido, mal acreditando que era finalmente um campeão. No outro lado da cidade, na casa de Hakeem, estavam Salam e Abike. Hakeem os havia trazido para assistir às semifinais, e agora eles viam pela televisão o filho comemorando a vitória tão esperada.

Mais tarde, naquela noite, quando Hakeem chegou em casa, Salam apertou-lhe as mãos. “Esta é a vontade de Deus. Você trouxe honra e glória para sua família e seu país”, disse ele. Quando Hakeem olhou para as faces orgulhosas de seus pais, pensou sobre a longa estrada que havia percorrido para chegar àquela noite. Conscientizou-se, então, de que o maior presente, sua fé, foi aquele que recebera muitos anos atrás.

Os Houston Rockets, liderados por Hakeem Olajuwon, conquistaram o título pela segunda vez, em 1995. Olajuwon, que se naturalizou americano, jogou pela equipe de basquetebol dos Estados Unidos nos Jogos Olímpicos de Atlanta, ganhando a medalha de ouro.